

JON KRAKAUER

Missoula

O estupro e o sistema judicial em uma cidade universitária

Tradução

Sara Grünhagen



Copyright do texto © 2015 by Jonathan R. Krakauer
Publicado mediante acordo com Doubleday, um selo The Knopf Doubleday Group,
divisão da Penguin Random House, LLC

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Missoula: Rape and the Justice System in a College Town

Capa

Christiano Menezes

Foto de capa

Witold Skrypczak/ Getty Images

Preparação

Cláudia Cantarin

Revisão

Carmen T. S. Costa

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Krakauer, Jon

Missoula: o estupro e o sistema judicial em uma cidade universitária / Jon Krakauer; tradução Sara Grünhagen. — 1^a ed.
— São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Título original: Missoula: Rape and the Justice System in a College Town.

ISBN 978-85-359-2699-6

1. Estupro 2. Estupro – Montana – Missoula 3. Vítimas de abuso sexual 4. Vítimas de estupro – Montana – Missoula I. Título.

16-01179

CDD-362.8830978685

Índice para catálogo sistemático:

1. Missoula: Crimes sexuais: Problemas sociais
362.8830978685

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

<i>Nota do autor</i>	11
PARTE I	
Allison	15
PARTE II	
Diante da lei há um guardião	77
PARTE III	
Atenção indesejada	171
PARTE IV	
Escalas de justiça	251
PARTE V	
Julgamento por júri	293
PARTE VI	
Abalos posteriores	397
<i>Lista de personagens</i>	451

<i>Agradecimentos</i>	461
<i>Bibliografia</i>	463

PARTE I

Allison

Bem, devemos tratar as mulheres como sujeitos independentes, responsáveis por si mesmas? É claro. Mas ser responsável não tem nada a ver com ser estuprada. As mulheres não são estupradas porque estavam bebendo ou porque usaram drogas. As mulheres não são estupradas porque não foram cuidadosas o bastante. As mulheres são estupradas porque alguém as estuprou.

Jessica Valenti
The Purity Myth [O mito da pureza]

1.

A Office Solutions & Services, uma empresa de Missoula de produtos para escritório, só foi realizar sua festa de Natal de 2011 no dia 6 de janeiro de 2012. Como contraponto à gelada noite de Montana, os funcionários decoraram o lugar com um tema havaiano. Por volta das nove da noite, trinta ou quarenta pessoas — em geral funcionários e seus familiares — estavam conversando, passando o tempo com jogos de festa e tomando suas bebidas em copos de plástico vermelho numa sala que dava para o estacionamento, quando um brilhante sedan Chrysler 300 chegou e estacionou numa vaga em frente aos janelões que iam do teto ao chão, chamando a atenção dos festeiros. Dois homens bem-vestidos e de expressão austera saíram do veículo e se postaram ao lado dele. “Era um carro preto realmente bonito”, lembra Kevin Huguet, dono da Office Solutions.

Enquanto admirava o Chrysler, um dos vendedores de Huguet perguntou: “Quem são esses caras?”.

Huguet não fazia a menor ideia. Então ele foi até os dois e perguntou: “Posso ajudar?”.

“Somos detetives da polícia de Missoula”, respondeu o homem que chegara dirigindo o carro. “Preciso falar com Allison.”

“Allison é minha filha”, disse Huguet, irritando-se. “Você vai ter que me falar um pouco mais que isso.”

“Pai, tudo bem”, interveio Allison Huguet, de 22 anos, saindo para o estacionamento pouco depois de seu pai.

O detetive Guy Baker, de 1,96 metro de altura e 113 quilos, olhou para Allison, uma jovem esguia de olhos brilhantes e com os cabelos presos em um rabo de cavalo. “Preciso falar com você”, disse ele. “Não temos que fazer isso na frente do seu pai. Como você quer que a gente conduza isso?” Ele e Allison se afastaram do carro para conversar em particular, enquanto o detetive Mark Blood ficava para trás com Kevin Huguet.

“E aí?”, disse Baker para Allison num tom mais gentil depois que eles se afastaram um pouco. Eles já se conheciam havia quatro anos, pois, durante o último ano no ensino médio, ela pediu que ele fosse seu orientador num projeto da escola. Fora uma experiência positiva para ambos. Explicando por que tinha aparecido durante a festa de Natal da empresa, ele disse: “Achei que era importante lhe contar pessoalmente o quanto antes: cerca de uma hora atrás prendemos Beau Donaldson. Conseguí fazê-lo confessar tudo, e ele está na cadeia”.

Os olhos de Allison se encheram de lágrimas de alívio.

Junto do Chrysler, Kevin Huguet estava cada vez mais impaciente enquanto observava Allison e Baker. “Olha só”, disse ele ao detetive Blood depois de alguns minutos. “Quero saber o que está acontecendo aqui. É a minha filha, e eu quero saber o que está acontecendo.” Kevin se afastou abruptamente e confrontou Baker.

“Ela não fez nada errado”, disse Baker. “Não é nada disso.” Então Baker virou-se para Allison e disse: “Acho que você realmente deveria falar com seu pai e contar a ele”.

Allison encarou seu pai e, com a voz trêmula, declarou: “Beau me estuprou”.

Kevin ficou parado no asfalto frio, chocado. Lutando para compreender as palavras que sua filha tinha acabado de pronunciar, ele passou os braços em volta dela. Enquanto abraçava Allison e começava a processar o que Beau Donaldson tinha feito, o choque e a confusão de Kevin se transformaram numa fúria cega.

“Achei que ele ia atrás de Beau e matá-lo ou algo do tipo”, disse-me Allison, recordando os acontecimentos daquela noite.

Beau Donaldson, um terceiranista na Universidade de Montana na época da agressão, estava no time de futebol americano da faculdade. Allison Huguet estudava na Eastern Oregon University (EOU) com uma bolsa de estudos para praticar. Eles cresceram juntos em Missoula e eram amigos inseparáveis desde a primeira série, mas o relacionamento nunca foi romântico.

Beau com frequência se referia a Allison como sua “irmãzinha”, e o sentimento era recíproco. Durante toda a sua infância e adolescência, Allison o viu como o irmão que nunca teve. Nos dezesseis anos anteriores, os pais de Allison haviam recebido Beau em sua casa como se ele fosse da família. “Você passa a vida toda, quando tem filhos, protegendo-os”, Kevin Huguet me disse. “Quem vai imaginar que o melhor amigo da sua filha é na verdade um monstro que vai machucá-la no meio da noite?”

Allison estava com tanta raiva quanto seu pai, mas um misto confuso de outras emoções suplantava sua fúria. Beau a estuprou no dia 25 de setembro de 2010. Ela esperou quinze meses, sofrendo em silêncio, antes de ir à polícia. Durante esse período, não contou para ninguém, além de sua mãe e três ou quatro amigas próximas, que tinha sido estuprada — nem mesmo seu pai e suas irmãs sabiam. Tal reticência, no fim das contas, é comum entre

vítimas de agressão sexual. Só 20% dos estupros são denunciados à polícia, uma estatística que desafia nossa compreensão até vermos de perto como os casos de agressão sexual são julgados nos Estados Unidos.

Montana é um lugar enorme com relativamente poucas pessoas. Apesar de Missoula ser a segunda maior cidade do estado, sua população é de apenas 70 mil habitantes. Agradável e pitoresca, é o tipo de comunidade que seduz visitantes de primeira viagem a investir em imóveis horas depois de chegarem. Aproximadamente 42% da população tem diploma de bacharel ou superior, em comparação com 28% do restante da nação. Bons restaurantes e bares animados são abundantes. Um rio de trutas lendário, o Clark Fork, corre rápido e límpido no coração da cidade, ladeado por uma ferrovia abandonada que foi transformada numa bucólica via para ciclistas, praticantes de corrida e carrinhos de bebê. Ao sul do rio, os modestos bairros da cidade se estendem por um vale amplo, acima do qual convergem cinco cordilheiras.

Desde as origens de Missoula, em meados do século xix, até as últimas décadas do século xx, a economia local dependeu fortemente do corte da madeira das vastas cercanias. Há cerca de 35 anos, porém, a indústria de produtos florestais começou a enfrentar dificuldades. A maioria das serrarias fechou, e os madeireiros de botas com prego na sola e calças resistentes tornaram-se uma espécie em extinção. Uma gigantesca fábrica de celulose injetou 45 milhões de dólares por ano na economia local (e também criou uma névoa nociva de poluição que pairava tão densamente sobre a cidade a ponto de os motoristas terem de ligar os faróis no meio do dia) até 2009, quando foi fechada e vendida como sucata.

Atualmente, o maior empregador no vale de Missoula é a Universidade de Montana, por larga margem. Com seus 15 mil

alunos e mais de oitocentos membros do corpo docente, a UM, como é conhecida, deixa uma marca profunda na cidade. Missoula tem uma proporção muito maior de democratas, por exemplo, que todo o estado somado. As pessoas do lugar gostam de brincar que uma das coisas que fazem com que seja tão bom morar em Missoula é que ela fica só a vinte minutos de Montana.

Apesar de sua inclinação liberal, em muitos aspectos Missoula se assemelha a outras cidades de tamanho similar situadas na região das montanhas Rochosas. Sua população é composta por 92% de brancos, 2% de nativos americanos, 2% de hispânicos e menos de 1% de afro-americanos. A média de renda familiar é de 42 mil dólares anuais. Vinte por cento da população vive abaixo da linha de pobreza. Entre os missoulianos há um forte apoio ao direito de portar armas e à limitação do papel do governo federal em seus assuntos internos.

Missoula, porém, apresenta uma cultura toda própria, graças à fusão de sua herança de bravura do Velho Oeste com os inúmeros impactos causados pela universidade. A UM tem programas reconhecidos em biologia e ecologia e talvez seja ainda mais famosa por suas credenciais literárias. O corpo docente do Programa de Escrita Criativa da universidade, fundado em 1920, já contou com a participação de autores tão influentes quanto Richard Hugo, James Crumley e William Kittredge. Relembrando em um de seus ensaios incomparáveis o que o atraiu para Missoula pela primeira vez, Kittredge escreveu:

Eu estava à procura do que considerava ser um mundo genuíno onde habitar. Eu queria ser alguém que podia entender e no qual podia confiar — uma ideia romântica que parece banal no Oeste hoje em dia... As montanhas Rochosas do Norte pareciam uma terra desconhecida, cheia de segredos que ninguém se dava ao trabalho de guardar.

Durante uma ébria visita a Missoula para pescar com Kittredge em 1972, Raymond Carver, pioneiro na ficção minimalista, se apaixonou perdidamente tanto pela cidade como por Diane Cecily, diretora de publicações da universidade. Richard Ford, romancista ganhador do Pulitzer, residiu em Missoula durante três ou quatro anos muito produtivos na década de 1980 e é lembrado com orgulho por seus cidadãos. Todavia, a figura literária mais intimamente identificada com a cidade é Norman Maclean, autor de *A River Runs Through It*, romance semibiográfico passado em Missoula e nas proximidades do rio Big Blackfoot, que gerou o filme *Nada é para sempre*, ganhador do Oscar e estrelado por Brad Pitt.

Mas deixemos para lá Kittredge e Ford e o Big Blackfoot. A grande fonte de orgulho cívico dos missoulianos é, sem sombra de dúvida, o time de futebol americano da Universidade de Montana, os amados Grizzlies da Big Sky Conference, que ganharam o título nacional da Football Championship Subdivision em 1995 e 2001. Seu recorde de doze títulos seguidos antes de 2010 foi a segunda maior sequência na história da primeira divisão da National Collegiate Athletic Association (NCAA). Em 1985, Dennis Washington, um magnata bilionário da construção de Missoula, doou 1 milhão de dólares para erguer o estádio Washington-Grizzly, uma bela instalação com 25 200 lugares que lota quase toda vez que o time joga em casa. O resultado geral dos Grizzlies desde a inauguração do estádio até 2011 foi de extraordinárias 174 vitórias e 24 derrotas.

O Griz não joga no mesmo nível de elite do futebol americano universitário como Florida State, Ohio State e Alabama. Cabe dizer que o recorde de vitórias e derrotas do time seria bem menos impressionante se, em vez de jogar em um remanso como a

Big Sky, eles o fizessem sob os brilhantes holofotes da Big Ten ou da Southeastern Conference. Seja como for, os Grizzlies inspiram o mesmo tipo de fanatismo em Missoula que os Seminoles em Tallahassee e o Crimson Tide em Tuscaloosa. Os fãs da UM se autodenominam “Nação Griz”. Missoula é a “Grizzlyville”, cidade de Griz. Seria difícil exagerar o grau de exaltação com que os moradores do oeste de Montana se referem ao futebol de Griz.

Acontecimentos recentes, porém, forçaram pelo menos alguns missoulianos a reconsiderar sua veneração de tudo o que é Griz. Em dezembro de 2010, quatro companheiros de Beau Donaldson no time de futebol americano da UM teriam cometido um estupro coletivo contra uma estudante enquanto ela estava bêbada demais para resistir e, por terem declarado que o sexo foi consensual, os jogadores não foram acusados de crime. Um ano depois, em dezembro de 2011, três jogadores do Griz cometiveram agressão sexual contra duas alunas depois de supostamente as drogarem. Nenhum desses agressores foi levado a julgamento, tampouco.

Quando o último incidente foi divulgado pelo jornal local, o presidente da UM, Royce Engstrom, nomeou a meritíssima Diane Barz, que em 1989 se tornou a primeira mulher a servir no Superior Tribunal de Montana, para iniciar uma investigação. Em um relatório preliminar, que veio a público em 31 de dezembro de 2011, Barz escreveu: “Essa investigação revelou [...] evidências de sexo não consensual que não estão sendo denunciadas no sistema da universidade [...]. A universidade deve tomar medidas adequadas imediatamente”.

Em seu relatório final, concluído em 31 de janeiro de 2012, Barz identificou nove agressões sexuais cometidas por estudantes da UM (nem todos eram jogadores de futebol americano) entre setembro de 2010 e dezembro de 2011. No topo da lista estava o estupro de Allison Huguet por Beau Donaldson. Barz alertou:

As denúncias de agressão sexual no campus da UM exigem a tomada de medidas imediatas e o rápido cumprimento das determinações do artigo IX [...] Um campus tolerante ao estupro com um programa ineficaz, um serviço de apoio inadequado às vítimas sobreviventes e procedimentos de queixa injustos é uma ameaça a todos os alunos [...] Atos de violência sexual raramente são denunciados em campi universitários e uma vítima de agressão sexual fica propensa a sofrer de depressão, transtorno de estresse pós-traumático, abuso de substâncias e problemas acadêmicos.

O relatório de Diane Barz repercutiu em Missoula. Então, passados apenas três meses, o Ministério da Justiça dos Estados Unidos revelou que também estava investigando a aparente epidemia de agressões sexuais no oeste de Montana. Os agentes federais declararam que pelo menos oitenta supostos estupros tinham sido denunciados em Missoula nos últimos três anos e que o Ministério da Justiça iria examinar atentamente “agressões contra todas as mulheres de Missoula, não apenas estudantes universitárias”.

Eric Holder, procurador-geral dos Estados Unidos, observou que “as acusações de que a Universidade de Montana, o departamento de polícia local e o gabinete da procuradoria do condado falharam em lidar adequadamente com agressões sexuais são bastante perturbadoras”.

A onda de estupros em Grizzlyville motivou artigos inquietantes em publicações nacionais do nível do *New York Times* e do *Wall Street Journal*. Mas foi um relato de 3800 palavras postado no website *Jezebel* nove dias após o anúncio do Ministério da Justiça que talvez tenha feito o maior estrago ao bom nome de Missoula. Escrito por Katie J. M. Baker, intitulava-se “Meu fim de semana na chamada ‘Capital do Estupro’ da América”, e o apelido depreciativo tornou-se viral, gerando protestos de missoulianos que acreditavam que ele era injusto.

O artigo ácido e perspicaz de Baker indicava, porém, que ela não tinha certeza se a descrição era merecida. O título foi extraído do segundo parágrafo do artigo, em que ela cita um traficante de vinte anos de Missoula que se lamentava: “As pessoas acham que aqui é a ‘capital do estupro’ da América agora”, antes de imediatamente comentar: “Mas não é. Missoula é como qualquer outra cidade universitária”.

De fato, a taxa de oitenta estupros num período de três anos parece estar “dentro das médias nacionais de cidades universitárias do tamanho de Missoula”, menciona Baker em seu artigo. De acordo com as estatísticas mais recentes do FBI, houve uma média de 26,8 “estupros violentos” denunciados em cidades americanas do tamanho de Missoula em 2012 — o que totaliza 80,4 estupros em três anos. Em outras palavras, o número de agressões sexuais em Missoula pode parecer alarmante, mas os números do FBI são precisos; trata-se na verdade de algo comum. Estupros, no fim das contas, ocorrem com aterradora frequência em todo o território dos Estados Unidos.